



A Santa Sé

SANTA MISSA NA CEIA DO SENHOR

HOMILIA DO PAPA PAULO VI

Basílica Lateranense

Quinta-feira Santa, 26 de Março de 1970

Veneráveis Irmãos e Filhos caríssimos

Neste momento, especialmente intenso de sentimentos e de pensamentos religiosos e humanos, em que Nos seria grato ouvir em silêncio interior as grandes vozes que emanam da Liturgia que estamos a celebrar, sendo obrigado pelo Nosso ministério a descerrar os lábios neste local sagrado, *magnum stratum*, grande e ornado, cenáculo por excelência da Igreja católica romana, vamos oferecer à vossa benévola atenção algumas indicações elementares, que servem para estimular a nossa reflexão sobre os aspectos óbvios e fundamentais deste rito, e pôr em sintonia as nossas almas num coro espiritual comum.

A primeira indicação é, precisamente, relativa à comunhão eclesial, que aqui nos reúne e que agora adquire uma singular plenitude, um significado próprio. Este é um momento especial de comunhão entre nós, entre todos os que acolheram o nosso convite e nos contemplaram com a sua presença. Nunca nos foi dada ocasião tão feliz, como a presente, para realizar as palavras do Senhor: «...onde estiverem reunidos, em Meu nome, dois ou três, Eu estou no meio deles» (*Mt* 18, 20); o Seu nome, e só o Seu nome, polariza a nossa assistência e emerge entre nós, como se Ele estivesse agora aqui, e daqui a pouco está-lo-á sacramentalmente, mas desde já enche de Si as nossas almas, irmanando-as na fé, na concórdia, na paz e na alegria de saber e de sentir que somos «Igreja», ou seja, união, Seu único rebanho, o Seu Corpo Místico. Que neste momento desapareça qualquer distância entre nós, qualquer desconfiança, indiferença e desinteresse. Desapareça qualquer rancor, rivalidade, e cada um de nós procure experimentar « como é bom, como é agradável para os irmãos viverem juntos » (*Sl* 132, 1). Que todos, e cada um dentro de si, possam advertir que ter a felicidade de ser, como a primeira comunidade dos crentes, «um só

coração e uma só alma » (*Act 4, 32*) significa realizar a nossa qualificação de cristãos católicos, que tanto nos deve empenhar.

A caridade dentro da Igreja, a caridade, que a reúne e a forma, a caridade que a define « Corpo Místico » e torna irmãos todos aqueles que aceitam a sua sociabilidade organizada (cfr. *Mt 23, 8; Lc 10, 16*), a caridade humilde, amiga e solidária entre nós, fiéis, seguidores e ministros de Cristo, é a primeira condição necessária para se sentar à mesa da Quinta-Feira Santa (cfr. *Lc 22, 24 ss.*).

Portanto, mais unidos do que nunca, vivamos esta hora fugaz. Mas, com que fim, com que intenção? Porque estamos aqui reunidos? Apresentamo-vos uma segunda indicação, também muito conhecida. Estamos aqui para fazer uma comemoração. Este é um rito de recordação. A Missa é-o sempre, mas neste dia queremos dar mais realce ao seu carácter comemorativo. Celebramos o memorial do Senhor, obedecendo às Suas palavras, que podemos chamar testamentárias: « Fazei isto em Minha memória » (*Lc 22, 19; 1 Cor 11, 25*). O nosso espírito enche-se agora da recordação d'Ele, de Jesus. Gostaríamos de O poder afigurar na nossa fantasia, como Ele era, como era a Sua figura, o Seu vulto, como era o som da Sua voz, o brilho dos Seus olhos, os gestos das Suas mãos... Não nos foi possível ter uma imagem, sensível d'Ele; pensamos com admiração naquela tão impressionante e profunda do Sudário; pensamos, segundo a nossa índole, nas efígies piedosas dos grandes artistas preferidos, nas descrições dos sábios e dos santos; mas sempre com a insatisfação de homens modernos, favorecidos em demasia pela civilização da imagem, dado que a d'Ele não é apresentada ao nosso olhar, mas apenas ao nosso desejo escatológico: «Vem, ó Senhor Jesus» (*Apoc 22, 20*).

A nossa memória deve contentar-se doutra presença, a da Sua palavra! Então todo o Evangelho começa a desenrolar-se diante da nossa mente. Esta, porém, detém-se perante aquela palavra que Jesus pronunciou na última ceia e que Ele nos recomendou de recordar. Que palavra? Oh, sabemos-lo bem: « Tomai e comei: este é o Meu corpo; tomai e bebei: este é o cálice do Meu sangue ». A imolação da Páscoa, porque tal era aquela ceia ritual (cfr. *Lc 22, 7 ss.*), devia ser objecto de uma recordação inesquecível, mas sob um aspecto novo, não o da morte e da consumação do cordeiro, sinal e penhor da antiga aliança, mas sob o do pão e do vinho, transubstanciados no Corpo e no Sangue de Jesus. O ágape naquela altura torna-se um mistério. A presença do Senhor faz-se viva e real. As aparências sensíveis permanecem as mesmas que eram, pão e vinho. Mas a sua substância, a sua realidade mudou intimamente. As aparências permanecem só para significar aquilo que as definiu, a Palavra onipotente, porque divina, de Jesus: corpo e sangue. Ficamos como que atónitos. Até porque este prodígio é precisamente o que o Senhor nos disse para recordarmos, ou melhor, renovarmos. Ele disse aos Apóstolos «fazei isto», e, portanto, transmitiu-lhes o poder de repetirem o seu acto de consagração, e não só de pensarem nele, mas também de o realizarem novamente. O Sacramento da sagrada Ordem, como guarda e como fonte do Sacramento da Eucaristia, foi, juntamente com este, instituído naquela noite única. Ficamos atónitos e logo tentados: mas é verdade? É mesmo verdade? Como se explicam aquelas palavras sacrossantas de Cristo: este é o Meu corpo, este é

o Meu sangue ? Poder-se-á dar-lhes uma interpretação que não seja demasiado violenta para a nossa mentalidade elementar e para a nossa habitual reflexão metafísica? Chega também aos nossos lábios o comentário repulsivo dos auditores de Cafarnaum: « Duras são estas palavras! Quem pode escutá-las ?» (*Jo* 6, 60). Mas o Senhor não admite dúvidas, nem exegeses evasivas da autêntica realidade das Suas palavras textuais. Para Ele era uma questão de confiança. Teria preferido deixar disperder o grupo amadíssimo dos Seus discípulos, a eximi-los de aderirem às Suas paradoxais mas verdadeiras palavras, propondo-lhes em linguagem menos dura: « Também vós quereis retirar-vos?» (*Ibid.* 67).

Esta é, portanto, uma hora decisiva, a hora da fé, a hora que aceita integralmente, embora incompreensível, a palavra de Jesus. A hora em que celebramos o « mistério da fé », a hora em que repetimos, com cego e consciente abandono, a resposta de Simão Pedro: « Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna; e nós acreditamos e sabemos que és o Santo de Deus » (*Jo* 6, 68. 69).

Sim, Irmãos e Filhos, esta é a hora da fé que absorve e desfaz a nuvem obscura e imensa das objecções, que a nossa ignorância, por um lado, e a aperfeiçoada dialéctica do pensamento profano, por outro, acumulam no nosso espírito, que, humilde e alegremente, se deixa fulminar pela palavra luminosa do Mestre e lhe diz, como o suplicante do Evangelho: « Eu creio! Ajuda a minha incredulidade» (*Mc* 9, 24).

E, então, a fé interroga ainda: mas que significa esta maneira de recordar o Senhor? Qual é o sentido, qual é o valor deste memorial, deste sacramento de presença, deste mistério de fé? Qual é a intenção dominante do Senhor, que Ele queria imprimir na memória dos Seus, naquele último encontro à mesa ?

Há quem não considere esta pergunta, quase para não descobrir uma nova e maravilhosa verdade. Mas não nos podemos deter sem recolher o último tesouro do testamento de Jesus. Tudo no-lo obriga a fazer, porque tudo naquela última noite da sua vida temporal foi extremamente intencional e dramático. É suficiente observar este aspecto da última ceia, para nunca mais terminar a nossa meditação.

O aspecto, as palavras e os modos do Mestre manifestam com exuberância a sensibilidade e a profundidade de quem está próximo da morte. Ele sente-a, vê-a, exprime-a. Duas notas suplantam as outras nesta atmosfera atónita, que se tornou silenciosa com os actos e os presságios do Mestre: amor e morte. O Lava-pés, exemplo impressionante de amor humilde, o mandato, o mandato último e novo: amai-vos como Eu vos amei; e aquela angústia pela traição iminente, aquela tristeza que transparece nas palavras e nas atitudes do Mestre, a efusão mística e encantadora das suas últimas palavras, quase solilóquios, que transbordam de um coração que se abre, com confidências extremas: tudo isto se concentra na acção sacramental, há pouco recordada: corpo e sangue! Sim, amor e morte estão neles figurados. Uma só palavra os exprime:

sacrifício. Palavra que significa morte, a morte cruenta, a morte que havia de separar o sangue do corpo de Cristo; que significa imolação, vítima; vítima voluntária, vítima consciente, vítima por amor, oferecida por nós, e que deve ser recordada como anunciadora da morte de Jesus, do seu sacrifício eterno, até que Ele volte no fim do mundo (cfr. *1Cor* 11, 26).

Cristo sigilou num rito, renovável pelos seus discípulos, constituídos Apóstolos e Sacerdotes, a oferta de Si mesmo, vítima ao Pai, pela nossa salvação, pelo nosso amor. É a Missa. É o exemplo, é a fonte do amor que se dá até à morte. É a Quinta-Feira Santa, que estamos a recordar e a celebrar. É o coração e o paradigma da vida cristã. É o mandato, o memorial, a paixão, a caridade de Cristo, que se transfunde na sua Igreja, em nós, para que possamos viver d'Ele, por Ele e n'Ele (cfr. *Jo* 6, 57), oferecer-nos em sacrifício pela salvação do mundo (cfr. *Jo* 12, 24 ss.), e um dia ressuscitar n'Ele (cfr. *Jo* 6, 54. 58).